

## **O DISCURSO DA SUSTENTABILIDADE NA ECONOMIA SOLIDÁRIA: O CASO DO SÍTIO ROSA DOS VENTOS- POCINHOS DO RIO VERDE, MINAS GERAIS**

**Mariana Martins** (UNIFAL-MG) - mahmartins\_92@hotmail.com

**Dimitri Toledo** (Unifal) - dimitritoledo@hotmail.com

### **Resumo:**

*O presente artigo tem como proposta apresentar o papel da Economia Solidária para a prática da sustentabilidade no Sítio Rosa dos Ventos, situado em Pocinhos do Rio Verde - Minas Gerais. Será feita uma contextualização histórica da Economia Solidária e a apresentação de seus princípios e de sua proposta de produção, consumo e gestão, alternativa ao Sistema Capitalista; e da sustentabilidade, como princípio da Economia Solidária, havendo a consciência sobre a relação sociedade - meio-ambiente e em oposição, o uso da sustentabilidade à favor o capitalismo. Para isto, a análise da pesquisa é feita através da Análise do Discurso, por meio das palavras, descrição da realidade e contextualização histórica, analisando o entendimento dos entrevistados sobre a prática da Economia Solidária no sítio e de como eles veem a sustentabilidade ligada à mesma. Os resultados da pesquisa mostram uma visão aprofundada sobre o conhecimento da Economia Solidária e a sustentabilidade das relações socioeconômicas em oposição ao marketing verde. Além disso, a percepção crítica para uma nova sociedade e a oposição nítida entre Economia Solidária e sistema capitalista, como será apresentado na análise de resultados da pesquisa realizada.*

**Palavras-chave:** *Economia solidária. Sustentabilidade. Desenvolvimento Sustentável.*

**Área temática:** *GT-18 Trabalho Autogestionário, Economia Popular Solidária e Educação: Processos Organizacionais e Protagonismos, em busca de Cidadania e Reconhecimento*

## INTRODUÇÃO

Se pensar um modo de produção, de vida e de economia mais sustentáveis quanto às relações interpessoais, de mercado e da relação com o meio-ambiente tem-se tornado assunto cada vez mais presente no cotidiano da sociedade. A consciência de que a natureza possui seu limite de recursos e que se devem pensar alternativas para o equilíbrio da relação sociedade-meio-ambiente já permeia o ambiente em que vivemos. Como forma relacionar à sustentabilidade da relação com o meio-ambiente e das relações econômicas e sociais, a Economia Solidária (ES) surge como uma proposta de abarcar como um dos seus princípios a valorização do meio ambiente. Pela Economia Solidária, espera-se que a valorização do meio ambiente, seja vista como uma relação de equilíbrio entre indivíduos e natureza, onde não haja a exploração do meio-ambiente nem sua degradação, mas sim, o uso consciente de seus recursos, preservando-os e tendo a consciência de que serem sustentáveis, remete ao fato de que poderão ser utilizados por gerações futuras.

Pela relação que se espera haver entre meio-ambiente e a Economia Solidária, o presente artigo, consiste em apresentar um estudo de uma análise feita para a compreensão da prática da Economia Solidária e da sustentabilidade no sítio Rosa dos Ventos, situado em Pocinhos do Rio Verde- Minas Gerais. Para isto, foi feita a contextualização da Economia Solidária, de seu surgimento na crise do capitalismo do século XIX e sua atuação como proposta para a geração de trabalho e renda. Indo além, a visão a ES como uma transformação socioeconômica para uma vida solidária, autogestionária e mais coletiva. Também é discutido teoricamente o tema da sustentabilidade, desde sua relação como dos princípios da ES, passando como agente transformador para uma sociedade mais consciente para com a preservação do meio ambiente, até a crítica de que é utilizada como instrumento do sistema capitalista junto ao desenvolvimento sustentável, para a busca de novos mercados, impulsionando o consumo, alienando os consumidores e consumindo ao mesmo modo o meio ambiente.

Através do embasamento conceitual, temos o estudo das práticas que acontecem na Rosa dos Ventos e a maneira como ocorre, principalmente a respeito da percepção profunda sobre a ES, sua oposição nítida de valores com o sistema capitalista, e como a sustentabilidade se relaciona com a ES, mas também, é utilizada cooptada pelo capitalismo. Para isto, a pesquisa foi feita com indivíduos que vivem a ES como modo de vida e praticam uma vida mais sustentável. A percepção analisada nas entrevistas sobre a ES e a

sustentabilidade é de grande importância, pois a ES é vista para além de uma simples proposta de erradicação da pobreza através da geração de trabalho e renda. Bem como a sustentabilidade é vista para além da preservação do meio ambiente. A construção crítica de se questionar a economia atual e seus valores auxiliam na transformação da sociedade e da economia, a partir de indivíduos menos alienados e mais conscientes do modo de se relacionar, organizar, consumir e produzir.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### ECONOMIA SOLIDÁRIA

A Economia Solidária teve sua origem relacionada à crise originada para os operários diante da Revolução Industrial no século XIX. Num cenário onde a mão-de-obra humana foi substituída pelas máquinas a vapor, os operários foram incluídos num ambiente de más condições de trabalho e a maioria na colocação de desempregados, ficando a margem do sistema capitalista. (GAIGER, 2003). A partir da marginalização em que foram encontrados os operários, eles viram no trabalho coletivo, uma via de saída para a geração de trabalho e renda, baseada na produção e na gestão mais justa e igualitária, onde todos, formando uma comunidade, tiveram suas relações baseadas nos princípios que norteiam a Economia Solidária dos dias atuais; foi o chamado “movimento cooperativista do século XIX”. (NETA et al, 2013).

Através da repercussão do movimento cooperativista, é que a Economia Solidária vem ganhando espaço como um movimento em prol dos excluídos do sistema capitalista; movimento este contrário à situação da má distribuição de renda, concentração de riqueza nas mãos da minoria, desigualdade social e presença da pobreza na vida da sociedade. É neste cenário que a Economia Solidária desponta, dentro do Sistema Capitalista, como via de saída dos marginalizados, proporcionando a geração de trabalho e renda. (SINGER, 2012).

Assim, a Economia Solidária é apresentada como alternativa ao Sistema Capitalista, trazendo consigo a prática princípios e valores coletivos e mais igualitários para organizações, quanto à sua gestão, sua produção e comercialização. Uma economia coletiva, baseada na solidariedade, democracia, comércio justo e solidário, consumo consciente, cooperação, valorização do ser humano e coletivismo, como afirmado por França Filho e Laville (2004, p. 15):

Uma outra economia que se gesta em diferentes partes do mundo a partir de iniciativas, sobretudo de natureza cooperativista e associativista, oriundas da sociedade civil e dos meios populares. Tais iniciativas assumem diferentes configurações, desde aquelas que criam o seu próprio circuito de produção e consumo, alimentando cadeias sócio-produtivas autônomas e, em alguns casos, fortemente baseadas em relações não-monetarizadas, até outras que empreendem relações mais permanentes com o mercado e desenvolvem diferentes tipos de parcerias com os poderes públicos. As formas assumidas por esta economia também variam de acordo com as diferentes regiões e países: de cooperativas de produção e prestação de serviços, passando por bancos comunitários, clubes de troca e associações de serviços em países latino-americanos, até as cooperativas sociais, as sociedades cooperativas de interesse público, as empresas sociais ou os sistemas de trocas locais, entre outros, em países europeus (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004, p. 15 apud BORBA et al., 2010, p. 1).

A forma de organização coletiva da Economia Solidária remete a um ambiente, onde os indivíduos envolvidos no mesmo praticam uma gestão igualitária pelos interesses e deveres. Este tipo de organização conjunta que acontece na Economia Solidária é conhecido como autogestão. A prática autogestionária estabelece uma relação democrática entre os envolvidos, é inexistente a hierarquia entre os membros de uma organização. Baseada na cooperação e no coletivismo, a autogestão busca promover a valorização do ser humano e busca atingir os objetivos da organização, através da melhor formação e aprimoramento do conjunto. (GAIGER, 1999). O coletivo praticado pela autogestão conjuntamente com a Economia Solidária, acarreta na melhoria da produção e comercialização, da vida conjunta dos envolvidos na organização e na vida coletiva do empreendimento, quebrando a lógica exploratória da heterogestão. E também, de maneira muito significativa, ressignifica a organização do trabalho e a produção. (SANTOS, 2002).

A base da prática da Economia Solidária está posta com valores e princípios contrários do sistema capitalista. Enquanto na lógica do capitalismo se tem exploração do trabalho e do consumo, da alienação, da hierarquização das relações de produção, do individualismo, da competição, da exploração do meio ambiente e da valorização do lucro, a Economia Solidária introduz à sociedade um modo de vida mais solidário e de cooperação. Modo este, onde a sociedade se organiza e pratica o coletivismo, a valorização do ser humano, a preservação do meio ambiente, o consumo consciente, as relações de trabalho baseadas na solidariedade, cooperação e coletivismo; bem como a, valorização da diversidade e do desenvolvimento local. (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004).

Como movimento de inclusão e geração de trabalho e renda, no Brasil a Economia Solidária ganha força e propagação no cenário socioeconômico a partir da década de 1970, como forma de emancipação e inclusão. Em um cenário de grande marginalização dos indivíduos da sociedade da época, de crise econômica e do desenvolvimento econômico.

(AZAMBUJA, 2009). Mas, é a partir da década de 1990 que a Economia Solidária ganha destaque no país. Em um cenário de desigualdade social significativa, má distribuição de renda e desemprego, consequências de uma crise do sistema capitalista na época, a Economia Solidária se desenvolve como uma proposta da construção de relações de trabalho e produção mais justa e coletiva em busca da geração de trabalho e renda. A ascensão do movimento da Economia Solidária no período teve auxílio de entidades de apoio e fomento e atores que trabalharam para sua promoção dentro do cenário socioeconômico do país, entre eles: CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil), MST (Movimento Sem Terra), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Cáritas do Brasil, Agências de Desenvolvimento Solidário (ADS), as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP's), atuando via Universidades, e mais recentemente, a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) (FRANÇA FILHO, 2013).

Com uma atuação expressa pela solidariedade, coletivismo e cooperação, é que a Economia Solidária se concretiza. Incentivando à crítica da sociedade sobre o consumo, a produção e organização, à prática da Economia Solidária acontece em prol de um coletivo mais humano, igualitário e social, baseando-os em seus princípios e valores que norteiam as ações de uma nova sociedade. Dentre os princípios da Economia Solidária, tem-se a sustentabilidade, como destacado anteriormente, que será explicitado a seguir.

## SUSTENTABILIDADE

Um dos principais compromissos da Economia Solidária é a transformação das atuais relações interpessoais com o meio ambiente. De acordo com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES, 2012), além da movimentação de forças sociais e econômicas a fim de provocar mudanças que favoreçam as condições da população local, em harmonia com o meio ambiente, a existência de empreendimentos que realizam a produção agroecológica pode ser um exemplo que relaciona a Economia Solidária à Sustentabilidade.

Através do princípio econômico solidário, que busca um elo de respeito e consideração pela natureza, é possível afirmar que a Economia Solidária se liga à sustentabilidade ao considerarmos este termo como sendo a capacidade de “atender as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades”. (CAPRA, 2003, p. 238)

A prática de ações consideradas de sustentabilidade pode ser apresentada como dimensões sociocultural, ecológica, territorial, econômica, política nacional e política

internacional. (SACHS, 1998). A dimensão social propõe uma justa distribuição de renda, igualdade social e qualidade de vida; a cultural nos sugere autonomia na estruturação de projetos assim como a confiança e abertura para o mundo; a ecológica nos alerta para a preservação da fonte natural e os limites para sua utilização; a territorial aborda o equilíbrio entre o meio urbano e o rural, além da preocupação com o desenvolvimento de cada regional; a econômica busca abordar o equilíbrio econômico entre setores e realização e melhoramento de pesquisas científicas e tecnológicas; a dimensão da política nacional compreende os direitos humanos, a democracia; a política internacional propõe a paz e a cooperação internacional, científica e tecnológica (LAMIM-GUEDES, 2012).

Estas dimensões relacionadas ao conceito de sustentabilidade mostram que a mesma vai muito além de que um simples tema relacionado ao meio ambiente. Ou seja, pode-se dizer que a sustentabilidade é uma nova forma estratégica de se pensar as relações organizacionais, de sociedade e de ordem econômica enfatizando a importância do coletivismo e cooperação para as práticas em si baseadas (JACOBI, 1999).

No momento atual, onde a globalização do sistema capitalista traz consigo a compulsividade de um consumo que explora consumidores, produtores e principalmente a natureza em busca de matérias-primas para a produção, a busca pelo desenvolvimento sustentável ganha ou precisa ganhar espaço num cenário como este (MENEGUZZO; CHAICOUSKI; MENEGUZZO, 2009). Assim sendo, a exploração ocorrida pelo sistema capitalista, afetando o meio ambiente, possui como contrapartida com a sustentabilidade, onde além desta prática, acontecem duas vertentes: como previsto pelo sistema capitalista, para ser sustentável, é preciso desenvolver; é o chamado desenvolvimento sustentável. E, a vertente de que desenvolver sustentavelmente é promover ações de relações benéficas entre os seres humanos e o meio ambiente.

Desenvolvimento este, que mais do que promover a conservação do ambiente, também está em busca de melhoria da qualidade de vida dos indivíduos de uma região, erradicação da pobreza, e satisfação das necessidades básicas de uma população. Fazendo assim, que se transforme em um projeto social e político em busca da conjuntura do desenvolvimento econômico, sustentável em prol da descentralização territorial de produção para que haja no mundo atual melhores condições de vida, de consumo e produção e da vida do meio ambiente (LEFF, 2011).

O modo de se agir a sociedade atualmente de acordo com a emergência em se construir práticas sustentáveis para a qualidade de vida, consumo e produção em sintonia com os limites do meio ambiente, é importante para que o ser humano crie uma linearidade de

relações de si com o meio ambiente. Esta busca por práticas sustentáveis caracteriza a adaptação da sociedade ou sua resistência às mudanças endógenas ou exógenas do meio ambiente (DOVERS; HANDMER, 1992). Ocorrendo isto, o desenvolvimento sustentável estará de acordo com a produção e o consumo em busca de processos para a recuperação ambiental (MOTA, 2000).

Para que aconteça a efetividade do desenvolvimento sustentável é importante que se tenham condições culturais, socioeconômicas, para se estimular o acúmulo de recursos naturais. E mais, haver uma mudança nos níveis de consumo e produção da sociedade, a partir de mudanças de atitudes e valores, contrários a lógica da acumulação e exploração capitalista (ROMEIRO, 2003). Com relação à efetividade do desenvolvimento sustentável, é necessário que a sociedade esteja adaptada as transformações encontradas no meio ambiente e que utilize os recursos consciente de que eles são finitos e devem estar disponíveis para gerações futuras, ou seja, havendo sustentabilidade (AYRES, 2008; LOZANO, 2012 apud SARTÓRIO; LATRÔNICO; CAMPOS, 2014).

A prática da educação ambiental envolve a conscientização de ações transformadoras para que através de mudanças no cotidiano dos indivíduos ocorram às alterações necessárias para que se chegue a sustentabilidade. A educação ambiental ocorre por meio de agentes que se disponibilizam a cumprir um papel responsável para com a sociedade e o meio ambiente. De acordo com Jacobi (2003, p. 193):

Nesse sentido, cabe destacar que a educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora, na qual a co-responsabilização dos indivíduos, torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento- o desenvolvimento sustentável. Entende-se, portanto, que a educação ambiental é condição necessária para modificar um quadro de crescente degradação socioambiental, mas ela ainda não é suficiente [...]. (JACOBI, 2003, p. 193).

Iniciando-se o trabalho de uma consciência mais preocupada com a sustentabilidade do meio ambiente, é que haverá uma transformação de aspectos sociais, políticos, econômicos e ecológicos. A disseminação do conhecimento sobre o meio ambiente é que fará com que os indivíduos de uma sociedade pratiquem a preservação ambiental. (MUNHOZ, 1991).

É nesta lógica da educação ambiental que a Economia Solidária auxilia na promoção das diversas ações para se pensar uma nova sociedade de relações interpessoais e de consumo e produção. Assim, mais uma vez afirma-se que a Economia Solidária traz à sociedade a consciência crítica de resignificar o seu consumo e sua produção por diversas maneiras classificadas como sustentáveis. Assim sendo, como já destacada, a sustentabilidade é um dos princípios que norteiam a prática da Economia Solidária e, através de suas ações é que este

novo modo de se fazer economia, encontra no desenvolvimento sustentável a busca de mudanças para se consumir e produzir, pensando no meio ambiente. Esta relação assumida entre a Economia Solidária e o desenvolvimento sustentável, é a harmonia que se busca entre indivíduos e a natureza, pensando de modo coletivo e solidário, como afirma Abramovay (2010, p. 97):

Desenvolvimento sustentável é o processo de ampliação permanente das liberdades substantivas dos indivíduos em condições que estimulem a manutenção e a regeneração dos serviços prestados pelos ecossistemas às sociedades humanas. Ele é formado por uma infinidade de fatores determinantes, mas cujo andamento depende, justamente, da presença de um horizonte estratégico entre seus protagonistas decisivos. O que está em jogo nesse processo é o conteúdo da própria cooperação humana e a maneira como, no âmbito dessa cooperação, as sociedades optam por usar os ecossistemas de que dependem (ABRAMOVAY, 2010, p. 97).

Na busca pela sustentabilidade através da Economia Solidária e de outros agentes que se empenham na preservação da relação socioeconômica- ambiental, é importante que os envolvidos na luta contra a exploração do meio ambiente, pratiquem a educação ambiental; buscando a melhoria da qualidade de vida e a formação de cidadãos mais conscientes na participação da preservação ambiental global. (HAMMES, 2004).

Estas ações a favor do desenvolvimento sustentável pelo exercício da sustentabilidade, em busca da relação entre homem e natureza, ganharam espaço quando houve o apontamento na sociedade do movimento ambientalista no Brasil, na década de 1990. Em busca de um maior diálogo entre indivíduos, sociedade, sistemas capitalistas e meio ambientes, os ambientalistas, respaldaram seus interesses de defesa na constituição de uma cidadania com ênfase socioambiental, como mostrado por Jacobi (2003, p. 201):

O ambientalismo ingressa nos anos 90 constituindo-se como um ator relevante que, embora carregue consigo as marcas do seu processo de afirmação, assume um caráter ampliado, baseado num esforço cada vez mais claramente planejado de diálogo com outros atores sociais. As questões que o ambientalismo suscita estão hoje muito associadas às necessidades de constituição de uma cidadania para os desiguais, à ênfase dos direitos sociais, ao impacto da degradação das condições de vida decorrentes da degradação socioambiental, notadamente nos grandes centros urbanos, e à necessidade de ampliar a assimilação, pela sociedade, do reforço a práticas centradas na sustentabilidade por meio da educação ambiental. (JACOBI, 2003, p. 201).

As ações do movimento ambientalista fizeram com que a busca pelo desenvolvimento sustentável, alinhados à Economia Solidária fizessem acontecer ações que desencadearam processos de produção e consumo, baseados no comércio justo e solidário e no consumo consciente. (COSTA; TEODÓSIO, 2011). A construção conjunta de uma sociedade mais



sustentável nas suas relações sociais e também na sustentabilidade do desenvolvimento com o meio ambiente, promovem a melhoria da qualidade de vida de uma determinada região.

## METODOLOGIA

A metodologia a ser trabalhada para base da pesquisa possui caráter qualitativo, para uma pesquisa empírica, a partir da qual foi realizado um estudo de análise da percepção de relações sociais (FLICK, 2009), no caso as relações estabelecidas pela vivência da Economia Solidária e sua ligação com o meio-ambiente. A coleta dos dados ocorreu por meio de uma pesquisa de campo, com visita ao Sítio Rosa dos Ventos e participação na vivência do local, tendo uma observação participante e também a coleta por meio de entrevista semiestruturada. A análise das respostas obtidas nas entrevistas colhidas com o uso de gravador será baseada na Análise do Discurso da linhagem francesa, onde será feita a relação entre a linguagem, a interpretação e o materialismo histórico.

A análise do discurso (AD) mais utilizada para contribuições da análise para interpretação de conteúdos discursivos é a Análise do Discurso francesa, criada pela linhagem de estudos de Michel Pêcheux (BRANDÃO, 2004). As contribuições da AD para a interpretação da linguagem é fruto da relação atribuída entre o social e o histórico, criando um ambiente onde a linguagem não é somente objeto de estudo, mas também, interpretação da materialidade histórica. (BRANDÃO 2004).

Pela relação estabelecida entre história, linguagem e ideologia, o entendimento deste conjunto para a utilização da AD como fonte de metodologia, segundo Caregnatto e Mutti (2006, p. 680-681) são dadas como:

A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de ideias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto, gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar. Portanto, na AD o a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer. (CAREGNATTO; MUTTI, 2006, p. 680-681).

A busca pela interpretação da linguagem baseada na Análise do Discurso está relacionada ao contexto do discurso intradiscursivo e interdiscursivo. No primeiro, é onde ocorre a interpretação das palavras baseadas na linguagem, em palavras que caracterizam o discurso num todo; e o segundo, é a interpretação da linguagem a partir do ambiente em que o indivíduo está inserido, valorizando a relação social e histórica com o discurso. Esta relação

estabelecida entre a linguagem, o discurso, o materialismo histórico e o social para a formação da teoria do discurso, dá referência à afirmação de Orlandi (1996, p. 46), quando diz que “a noção de estrutura nos permite transpor o limiar do conteudismo, mas ela não basta, pois faz estacionar a ideia de organização, de arranjo, de combinatória”.

A afirmação remete ao fundamento da AD quando relaciona diretamente a abordagem discursiva com completa do conteúdo a ser estudado com a relação íntima com a linguagem e o social. (BRANDÃO, 2004).

A relação estabelecida, fundamentada no social, histórico, linguagem e discurso é que caracteriza a interpretação do discurso abordado na pesquisa a ser realizada, pois a Análise do Discurso deve considerar a percepção do contexto onde ocorre o discurso (FLICK, 2009). Por meio da AD será analisada a construção social dos entrevistados, relacionando fenômenos psicológicos e sociais (GIL, 2010). A AD não abordará apenas as falas dos entrevistados, mas também, a relação do discurso com a realidade construída com base no contexto social (MARTINS, THEÓPHILO, 2009).

Deste modo, as entrevistas ocorrem com pessoas envolvidas nas atividades e práticas da Economia Solidária, desenvolvidas no Sítio Rosa dos Ventos em Pocinhos do Rio Verde, Minas Gerais. A escolha do local deve-se ao fato de que a comunidade instalada no sítio é famosa por sua vivência coletiva e comunitária baseada nos pressupostos da Economia Solidária, por serem desenvolvidos no local, grupos de estudos sobre ES e temas afins e também, porque no cotidiano do local, é estabelecida uma relação forte com o meio ambiente; assim, essa vivência comunidade-meio ambiente, tem uma ligação com um dos objetivos da pesquisa que é compreender a percepção de sustentabilidade e desenvolvimento local, para os que ali habitam.

Para compreender se existe na Rosa dos Ventos a prática dos princípios da Economia Solidária ligados à sustentabilidade e se existe o desenvolvimento sustentável no local, foram escolhidas duas pessoas próximas às ações da comunidade. A primeira delas, o dono do sítio e antropólogo envolvido com estudos de Economia Solidária, e também, o ex-secretário executivo do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), que está envolvido com diversas ações do Sítio Rosa dos Ventos e também com a formação de uma cooperativa solidária dos agricultores familiares da Pedra Branca, região próxima ao sítio.

As perguntas foram elaboradas buscando-se entender o conhecimento de Economia Solidária dos entrevistados, o entendimento quanto à sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável e se existe, e como se dá a relação entre Economia Solidária e sustentabilidade. Assim, primeiramente entender o que os entrevistados conhecem e sabem sobre Economia

Solidária; em seguida, como acontecem as práticas de Economia Solidária dentro do espaço do Sítio Rosa dos Ventos; havendo um entendimento sobre Economia Solidária por parte dos entrevistados, foi perguntado se para eles existe uma contrariedade entre práticas e ações do sistema capitalista, com as mesmas da Economia Solidária; em caso afirmativo, como eles enxergam essa oposição de princípios e valores.

Caso exista a vivência da Economia Solidária no sítio, com relação a organização, buscou-se saber como ocorrem as relação de produção e consumo no mesmo e se estas ações possuem alguma relação com práticas de sustentabilidade. Ainda sobre sustentabilidade, foi perguntado aos entrevistados se para eles existe uma relação entre sustentabilidade e Economia Solidária e, em caso afirmativo, como acontece esta relação no sítio. Ligado ao mesmo assunto buscou-se saber se para os entrevistados se é importante o papel da Economia Solidária como via de se praticar a sustentabilidade.

Referente à sustentabilidade, foi perguntado se existe alguma relação em se praticar a sustentabilidade como forma de combater a globalização do sistema capitalista, principalmente nos dias atuais. A noção de sustentabilidade obtida nas perguntas segue a linha de saber se para os entrevistados existe uma relação entre Economia Solidária e sustentabilidade, e em caso afirmativo, como acontece essa relação. Pela ação de prática da sustentabilidade no sítio, foi perguntado se existe no ambiente do cotidiano o agente do educador ambiental, e caso a resposta seja positiva, se esta atuação é importante e como ela ocorre. Sobre muito se falar sobre sustentabilidade na atualidade e pela sua relação com a Economia Solidária, buscou-se saber o que os entrevistados conhecem e entendem sobre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, se para eles os conceitos tem o mesmo significado, e caso não tenham, o que eles sabem sobre cada um. E por fim, se existe algum órgão público que apoia as ações do Sítio Rosa dos Ventos.

## ANÁLISE DE RESULTADOS

Utilizando-se das contribuições da Análise do Discurso francesa para a interpretação dos dados coletados através das entrevistas, se terá a articulação da linguagem presente no discurso relacionada com o materialismo histórico, o contexto social, a realidade vivida pelos entrevistados e as palavras que podem ser ditas como chave para que aconteça a relação entre a base teórico do referencial com as entrevistas. Deste modo, podemos perceber uma assimilação profunda e rica por parte dos entrevistados sobre a Economia Solidária,

principalmente por sua prática coletiva e seu modo de gestão, consumo e produção. Também, podemos perceber que ambos entrevistados tem uma noção crítica sobre o que é sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável colocados no mundo atual globalizado, opostos a como acontece à prática dentro da Economia Solidária.

Assim, primeiramente, a noção de Economia Solidária apresentada dá-se com a interpretação de um modo coletivo de vida, produção, gestão e consumo (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004, p. 15 apud BORBA et al., 2010, p. 1) e (GAIGER, 1999). Esta abordagem da prática coletiva e de um novo modo de vida, consumo, gestão e produção podem ser percebidas, quando um dos entrevistados afirma *“na Grécia Antiga “economia” significava a gestão do bem comum, a administração do bem comum das cidades. E a administração do lucro, de quem queria ficar rico, chamava “crematístico”. Então, veja você, “oikosnomos”:* *Economia, gestão, administração das finanças das cidades em nome do bem comum. Só que ao longo da história, a palavra “economia”, o sentido dela se desvirtuou. (...)E Economia Solidária tem sentido: já que nós não podemos viver sem comercializar, sem produzir, sem administrar, sem trocar, sem vender e sem comprar, vamos pelo menos realizar isso de uma maneira que não explore ninguém. E é aí que a gente associa Economia Solidária, gestão do bem público, bem comum, comércio justo, cooperativismo, ou seja, a ideia que nós, que praticamos a Economia (...)Economia Solidária, a nossa ideia é recuperar esse sentido original, profundo, de uma economia voltada não ao lucro, à acumulação, ao ganho, mas à partilha entre as pessoas, à troca entre as pessoas.”* E também, seguindo a linhagem de que a Economia Solidária traz consigo uma inversão de valores a serem praticados mais coletivos dentro da sociedade e da economia, buscando-se o bem comum, a diminuição da desigualdade social e uma distribuição de renda mais igualitária, colocando como principal objetivo a valorização do ser humano, e conseqüentemente, da vida coletiva. (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2014). A presença da Economia Solidária está presente na realidade do contexto social dos entrevistados, pelo fato deles perceberem a possibilidade de um novo modo de produção, estilo de vida e consumo, mais humanos, solidários e coletivos. Esta noção da Economia Solidária trazendo novos valores é percebida quando um dos entrevistados afirma que *“a gente no movimento de ES, a gente define ES por três dimensões: a dimensão econômica- a ES se caracteriza pelo termo autogestão, ou seja, é a ausência de patrão e empregado, tanto internamente ao empreendimento econômico, como também, nas relações da comunidade. Culturalmente, a gente acaba vendo a ES como uma perspectiva de presença no mundo, uma maneira de felicidade, relação com o consumo, preservação ambiental, que caracteriza a palavra “bem-viver”, um termo indígena, que você pode dá uma pesquisada,*

*que é o foco. E politicamente, a gente vê a ES como um movimento social, que luta pela transformação da sociedade.”*. A noção apresentada no último trecho sobre a autogestão ser uma prática coletiva, mostra uma forma de organização dentro da Economia Solidária evidente de valores e princípios opostos ao sistema capitalista, valorizando a cooperação e a democracia entre os membros de uma organização. (SANTOS, 2002).

Sobre como acontece a relação da Rosa dos Ventos com a Economia Solidária, temos a reafirmação do conhecimento dos entrevistados de que a Economia Solidária é a prática de princípios e valores coletivos, de cooperação, igualitários e mais humanos (GAIGER, 1999). Através disto, a vivência na Rosa dos Ventos pela ES é a busca por um modo de vida mais humano e coletivo. Isto é perceptível quando é afirmado *“a Rosa dos Ventos foi criada para ser uma casa de acolhida de pessoas com esse espírito não apenas de economia solidária, mas, de uma vida solidária. Então, o subtítulo da Rosa dos Ventos é “Casa de Acolhida”. É uma casa que acolhe as pessoas, que recebe pessoas que vêm desde por uma noite ou um dia, até pessoas que moram na Rosa dos Ventos. Então, você vê a diferença: ao invés de você chegar lá e ter um preço como em uma pousada, ou você paga tanto ou não fica aqui, cada pessoa vê o que pode contribuir (...) o espírito não é ganhar dinheiro com ela, mas criar um espaço onde pessoas possam viver umas experiências de vida solidária.”* e também, quando é dito que *“E como eu vejo a relação da ES com a RS, é que tem de interessante, essa abertura pra quem quiser a ausência de chaves, as pessoas irem, poderem ser acolhidas, comunitária, poderem pagar segundo suas possibilidades, e permitir uma vivência né?! Acho que o principal aspecto autogestionário da RS é a cozinha (...) e outro aspecto, é o projeto da RS propõe que a sociedade seja dessa maneira; então ela também tem um desejo de transformação da sociedade, da educação popular, da relação da igualdade dos saberes, então tudo isso está imbuído na Rosa dos Ventos.”*. O amadurecimento ao se entender a proposta da Economia Solidária pela análise das entrevistas é identificada, por diversas vezes os entrevistados utilizarem palavras como *coletivo, solidário, cooperação*; são palavras que estão alinhadas ao modo de vida e produção que se espera obter por meio da ES.

Quanto a existência ou não de uma oposição de valores e princípios entre o sistema capitalista e a Economia Solidária, ambos entrevistados afirmaram com veemência que existe sim uma contrariedade nítida e gritante entre a prática destas duas formas de economia; um dos entrevistados caracterizou como *“profunda”* a divergência dos valores. A constatação de que é *“profunda”* a diferença entre a Economia Solidária e o Sistema Capitalista, é a prova da profundidade de conhecimento sobre as duas economias por parte dos entrevistados. Considerando a análise do contexto social e do materialismo histórico por parte da AD, a

realidade vivenciada antes e após o conhecimento da ES, fizeram com que os entrevistados tivessem definidos as diferenças entre os princípios de ambas economias e, constatando pela vivência da ES, de que esta é uma economia mais humana, solidária e justa na sua produção, gestão e vivência social. Esta contrariedade de princípios e valores respalda no que foi base teórica segundo França Filho e Laville (2014) de que a Economia Solidária é coletiva, justa, de valorização do ser humano, enquanto o sistema capitalista é exploratório, competitivo e individualista, valorizando principalmente o lucro. Para os entrevistados, a oposição entre a ES e o sistema capitalista é visível, pois expressam *“A gente costuma dizer que na economia capitalista o que acontece é que tudo se passa como uma troca entre coisas através das pessoas. As pessoas são usadas porque o que importa é o que está sendo comercializado, o que se vende, o que se compra. E na Economia Solidária o que a gente quer é viver uma experiência de relação entre as pessoas através das coisas. É o contrario, o que importa é a pessoa, é o bem comum. Tanto que, eu costumo dizer, para você ter uma ideia, que enquanto a economia capitalista forma, inclusive, muitas vezes dentro das faculdades o chamado “competente competitivo”, o vencedor, o competitivo, o empreendedor, na Economia Solidária o que a gente quer é o “consciente cooperativo” e que também, Acho que o principal que a gente possa ver que é a base que sustenta a base do capitalismo é que a sociedade será feliz se é...se todos os seres humanos perseguirem suas ambições econômicas individuais e tentarem alcançar o máximo possível de lucro, com ações altamente auto interessadas e não, interessadas no próximo. Então, a base teórica do capitalismo, é de que cada um por si, a sociedade fica orgânica e organizada, sem necessidade mínima de intervenção do Estado, por exemplo. A ES é diferente. Você fala de sociedades que tem fins econômicos, mas não tem lucro. A gente vê o lucro, a gente faz a relação econômica, no intuito de prover o bem comum, serviços, produtos que são importantes para a qualidade de vida, mas a lógica da produção não é uma lógica de tentar ampliar, maximizar o lucro. É viver bem, ter uma qualidade de vida boa, ser feliz. Então o paradigma de felicidade dentro da ES é de todos serem felizes, enquanto o paradigma de felicidade o capitalismo é você tentar ter como único critério a melhoria da sua vida individual, e não perceber que você faz parte de uma comunidade e ter sua ligação e vinculação com a alegria dessa comunidade como um todo.”*

Sobre os valores e princípios, presentes na Economia Solidária sabe-se que a sustentabilidade é um dos princípios que norteiam as ações da ES. Suas ações valem da busca por uma relação saudável entre o ser humano e o meio ambiente, fazendo uso do último de forma responsável, pensando que existem gerações futuras que também irão desfrutar dos

bens naturais que hoje existem (CAPRA, 2003). Também, a noção de que a sustentabilidade não está relacionada somente à preservação ambiental, mas de que sua prática se dá por meio de se pensar o consumo e a produção valorizando a relação ser humano-meio ambiente. (DOVERS; HANDMER, 1992). Juntamente com o conceito de sustentabilidade, é a noção de desenvolvimento sustentável que surge como um novo conceito para se pensar na preservação do meio ambiente e na relação das sociedades com o mesmo como afirmou Abramovay dizendo que “Desenvolvimento sustentável é o processo de ampliação permanente das liberdades substantivas dos indivíduos em condições que estimulem a manutenção e a regeneração dos serviços prestados pelos ecossistemas às sociedades humanas (...). O que está em jogo nesse processo é o conteúdo da própria cooperação humana e a maneira como, no âmbito dessa cooperação, as sociedades optam por usar os ecossistemas de que dependem.” Abramovay (2010, p. 97).

Ambas as abordagens conceituais sobre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, estão expostas em afirmações dos entrevistados. As afirmações mostraram que a sustentabilidade é uma das bases para que se tenha a prática da Economia Solidária, como é visto em “*então, Economia Solidária, sustentabilidade, respeito à natureza isso está absolutamente interconectado. Eu até, muitas vezes, faço críticas porque, por exemplo, a gente vai a um encontro de educadores ambientais, que eu vou muito, e não tem gente da Economia Solidária. Você vai a um encontro de Economia Solidária, não tem gente do meio ambiente. Então, o nosso esforço é justamente para integrar, eu faço esse esforço na Rosa dos Ventos, para levar a uma discussão, a uma troca de ideias que envolva educação popular, lutas populares, sustentabilidade e meio ambiente e Economia Solidária. Eu costumo dizer que é como se fosse os quatro pés de uma mesa. Se você tirar um, a mesa ainda aguenta, mas fica meio bamba, se você tirar dois, ela cai. O ideal era ter os quatro pés. Os quatro pés sustentam a mesa que a gente chamaria de desenvolvimento humano ao invés de desenvolvimento econômico.*”. E também, quando foi afirmado que “*a ES está ligada, pois está nos seus princípios básicos, que no aspecto que eu falei, no aspecto cultural, da questão da sua relação com o mundo, consumo, da forma como você produz, o modo como você se relaciona com a natureza, tá totalmente vinculado. Essa autogestão, ela tem que estar vinculada também com a natureza.*”.

Sobre como as práticas de sustentabilidade podem auxiliar no combate a exploração do sistema capitalista atual, as respostas obtidas estão voltadas a construção de uma sociedade adaptada as transformação do meio ambiente para o uso consciente dos recursos (AYRES, 2008; LOZANO, 2012 apud SARTÓRIO; LATRÔNICO; CAMPOS, 2014). Isto é percebido

quando é afirmado *“Nós estamos desenvolvendo “n” empreendimentos, você viu agora mesmo aqueles rapazes que vieram falar da EcoVila, temos visto por ai outros, também. E todo ideal é você começar a criar um sistema de produção de alimentos, de remédios que, por um lado, não destrua a natureza. Ou seja, a degradação da natureza, vide, por exemplo, essas secas que tivemos por aqui, talvez tenham chegado a um ponto irreversível, e que nós temos que fazer alguma coisa. E, por outro lado, produzir alimentos mais baratos, sobretudo numa relação não capitalista, entre, por exemplo, consumidor e produtor direto, que é uma das vertentes da Economia Solidária. Você elimina o atravessador. O atravessador é aquele que fica com o grande lucro e não produz.”*.

Sobre existir na Rosa dos Ventos o agenda do educador ambiental para que haja um empenho da conscientização sobre a importância do envolvimento na luta contra a exploração ambiental (HAMMES, 2004) e a existência de uma co-responsabilização social para o desenvolvimento sustentável (JACOBI, 2003), os entrevistados afirmaram que não existe o agente do educador ambiental na Rosa dos Ventos.

Quando foi perguntado aos entrevistados o que eles sabiam sobre desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, se são a mesma coisa ou como cada um entende sobre os conceitos, a pergunta foi feita baseada na linhagem a favor dos termos. Ou seja, sobre o desenvolvimento ligado a preservação do ambiente e a melhoria da qualidade de vida de indivíduos de uma região, promovendo a erradicação da pobreza, fazendo assim, com que haja um projeto social e político conjuntamente com um desenvolvimento econômico (LEFF,2001). E a sustentabilidade, como um novo modo de se pensar novas práticas para a melhora da qualidade de vida, com um consumo e uma produção que respeitem os limites do meio ambiente. (DOVERS; HANDMER, 1992). Porém, as repostas obtidas estão alinhadas a estudos que enxergam tais conceitos como instrumentos do capitalismo para buscar mais consumidores para dentro do seu ciclo de consumo e produção, causando a alienação nos consumidores, explorando da mesma maneira o meio ambiente e os indivíduos (MACHADO (2006) apud JÚNIOR; ICHIKAWA (2013)). E também, remetem ao próprio desenvolvimento sustentável ser um disfarce do capitalismo para propagar um *“novo modo”* de se pensar nas relações de produção e consumo. (JÚNIOR; ICHIKAWA, 2013). Podemos analisar a interpretação pela teoria apresentada, quando é afirmado por um dos entrevistados *“a gente costuma fazer, do ponto de vista mais radical, uma crítica que vai além do desenvolvimento sustentável. Já há algumas pessoas ligadas à questão ambiental e economia solidária, que estão se perguntando: “pra quê desenvolvimento”?”, “quem disse que a felicidade humana depende de a gente estar desenvolvendo sem parar?”*.



E, quando se fala dos conceitos como “armas” do capitalismo, onde se usa uma linguagem nova, mas com o velho modo de produção e consumo, é dito por um dos entrevistados que *“desenvolvimento sustentável, sustentabilidade, práticas sustentáveis, tudo isso é jogo de palavras para inventar moda. Economia verde, tudo isso é moda que o pessoal gosta de inventar.”*. O uso do desenvolvimento local e da sustentabilidade à favor do capitalismo, o que pode ser chamado de *“marketing verde”*, também é percebido por afirmações como *“Não só as grandes empresas, a gente usa isso para criar uma ideia de fato nova, dentro de uma crise que existe; o capitalismo está numa crise gigantesca, as pessoas estão percebendo a crise, mas ficam inventando várias palavras bonitinhas- responsabilidade social, economia verde, desenvolvimento sustentável, sustentabilidade; então o que nós falamos da ES como paradigma fundamental, é essa palavra do “bem- viver”, uma sociedade sustentável, em que a vida das pessoa seja a base, tenha como base a continuidade, o desenvolvimento das pessoas, numa perspectiva da preservação das condições de vida dos próximos. Mas no geral, tem muita falação.”*. O entendimento sobre as diferenças entre desenvolvimento local e sustentabilidade, é afirmado nos discursos da realidade presente na vida dos entrevistados, ao perceberem e condenarem o uso dos termos pelo capitalismo em prol do *“marketing verde”*, ao ser percebido que as empresas podem utilizar os termos objetivando o lucro. Esta noção sobre o *“marketing verde”* capitalista é constatada quando os entrevistados indagam porquê sempre é necessário desenvolvimento para alcançar melhores condições de vida e sustentabilidade e quando colocam o desenvolvimento sustentável como instrumento de lucro do sistema capitalista.

Com relação se há algum órgão público do município de Caldas-MG que apoia as iniciativas da Rosa dos Ventos, foi respondido que *“a Rosa dos Ventos volta e meia a trabalha com a Secretaria do Meio Ambiente, mas é mais independente”*.

Quando perguntado sobre a organização e o consumo dentro das práticas da ES, a sustentabilidade é vista como uma maneira coletiva e de cooperação entre todos os envolvidos, como os demais valores que norteiam a ES: *“o que existe na verdade da relação nos circuitos curtos, nos processos de construção de consumo coletivo ou processos de construção de centrais, de consumo responsável, o que existe é que você cria, você dá cara ao produto. Você permite que o consumidor ao ter contato com aquele produto, aquele serviço, ele sabe da história que tá por trás daquilo e sabe que ao ele comprar aquele produto, ele vai tá investindo numa forma nova de se fazer algo. Então, nesse sentido você começa a perceber que existe um valor político no seu ato de consumir”*. E também, a exposição de como acontece a interligação do meio ambiente com os indivíduos, uma relação

de interdependência contínua e direta: *“eu acho que você só pode falar da questão ambiental casada com as relações humanas, da cultura, da sociedade, não da pra querer isolar. E não, querer simplesmente achar que essas coisas sejam totalmente separadas. A gente precisa alterar a forma como o ser humano se porta no mundo. Enquanto ela (sociedade) estiver orientada pela maximização dos interesses individuais, onde sua própria família, pela sua propriedade privada, a gente continua como a gente tá. Se a gente conseguir desenvolver o “ethos”, a ética do cuidado, da relação com o meio que envolva os outros, em que a minha alegria só é possível se houver a alegrias de todos à minha volta, e quando a gente não conseguir avançar pra isso, não adianta falar em sustentabilidade, vai se papo furado. Vai ser reserva ambiental da Nestlé, que é papo furado. Um parque a Nestlé compra, ou um parque da CBA aqui, pra fazer reflorestamento, tudo isso é papo furado; tá destruindo de um lado, tentando criar um papo de preservação do outro, mas tá mantendo a mesma lógica de produção e consumo. Isso não muda nada.”* A exposição deste ponto de vista, remete mais uma vez que é necessário a construção de uma consciência coletiva de como deve acontecer a relação entre a sociedade e o meio ambiente e de que o capitalismo pode usar a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável a seu favor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do contexto construído através da Economia Solidária, sustentabilidade, e conseqüentemente, do desenvolvimento sustentável, temos uma percepção profunda do que é a Economia Solidária e os demais conceitos e como eles têm uma interligação com o sistema capitalista. Foi visto que a Economia Solidária é a organização coletiva e de cooperação nela envolvidos e que é nítida a sua oposição de valores ao sistema capitalista. A noção de Economia Solidária está ligada a uma transformação socioeconômica, onde se busca o bem comum de uma vida solidária para uma organização, consumo e produção mais coletivos, em prol da diminuição da desigualdade social e de valores mais humanos.

Com relação à sustentabilidade, pode-se concluir que é um dos princípios praticados dentro da Economia Solidária e que deve acontecer simultaneamente aos demais princípios que a norteiam; no entanto, mais do que se pensar uma relação saudável com o meio ambiente, é pensar na sustentabilidade das relações humanas, de maneira coletiva; pensando no bem-estar comum, em uma nova sociedade e num modo novo de se pensar a organização das relações de produção. No entanto, a questão do desenvolvimento sustentável, juntamente

com a sustentabilidade, pode ser vista de maneira errônea; aos que defendem, o desenvolvimento sustentável é a maneira de se repensar o desenvolvimento da sociedade e práticas alternativas sustentáveis para se ter uma relação saudável entre a sociedade e o meio ambiente. E, pode haver implícita a questão da defesa do meio ambiente, no que tange a quem utiliza dos conceitos para a promoção de uma economia capitalista.

A contrariedade da percepção sobre os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável tem-se como a afirmação de que são de um vocabulário de alienação pregado pelo sistema capitalista, para que a sociedade acredite que haja um novo modo de produção e consumo. Mas, na verdade, o que o capitalismo implicitamente faz é impulsionar mais o consumo, através de um marketing disfarçado; ou seja, fala-se em uma nova maneira de se praticar as relações de produção e organização com o velho modo de se fazer a economia capitalista.

Deste modo, podemos concluir que a Rosa dos Ventos, mais no que um ambiente de estudos e conversas sobre Economia Solidária, é um espaço de se praticar a vida solidária. O coletivismo, a administração de um bem comum, através da cooperação e da autogestão. Pensando em uma transformação socioeconômica para a sociedade, com valores mais humanos, coletivos e democráticos, onde a sustentabilidade não seja uma arma do capitalismo, mas sim, uma forma de contribuir para a sociedade solidária que se almeja. Assim, nesta nova sociedade, as relações de produção, consumo e organização, se darão a partir da construção de uma consciência crítica do mundo atual, para ir à busca de relações em que se coloque acima de tudo o ser humano e que se pense coletivo, não somente numa solidariedade das relações interpessoais, mas também, na solidariedade para com o meio ambiente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOBAY, R; Desenvolvimento sustentável: qual a estratégia para o Brasil? **Novos estudos**, n. 87, p. 97-113, jul./2010.

AZAMBUJA, L. R. Os valores da Economia Solidária. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 282-317, jan./jun. 2009.

BERNADELLI, Tânia Mara; JESUS, Altair Reis de. O discurso da sustentabilidade e as práticas de consumo da sociedade contemporânea. In: V ENECULT- ENCONTRO DE

ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5, 2009. **Anais...** Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 27 a 29 de maio de 2009.

BORBA E.L et al. Economia Solidária e Cidadania. VII SEGeT 2010.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 2 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: Análise de discurso *versus* Análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006.

CASSANDRE, M. P. et al. Políticas públicas para a geração de trabalho e renda: Economia Solidária entre o paradoxo de oportunidade e oportunismo. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 7, n. 17, p. 167-185, mai./ago. 2013.

COSTA, D. V. da.; TEODÓSIO, A. S. SOUZA. de. Desenvolvimento sustentável, consumo e cidadania: um estudo sobre a (des) articulação da comunicação de organizações da sociedade civil, do Estado e das empresas. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 114-145, mai./jun. 2011.

DOVERS, S.R.; HANDMER, J.W. Uncertainty, sustainability and change. **Global Environmental Change**, v.2, n.4, p.262-276, 1992.

FRANLA FILHO, G. C. A problemática da economia solidária: um novo modo de gestão pública? **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 443-461, set./nov. 2013.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa aplicada**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JACOBI, P. **Cidade e meio ambiente**. São Paulo: Annablume, 1999.

FRANÇA FILHO, Genauto C.; LAVILLE, J. **A Economia Solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

GAIGER, Luiz Inácio Germany. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. **Caderno CNH**, Salvador, n. 39, p. 181-211, jul./dez. 2003.

GAIGER, Luiz Inácio. Significados e tendências da economia solidária. In: Caderno CUT Brasil. *Sindicalismo e economia solidária: Reflexões sobre o projeto da CUT*. Dezembro de 1999.

HAMMES, V. S. **Proposta metodológica de macroeducação**. São Paulo: Globo, 2004.

JACOBI, P. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 118, p. 189-205, Mar./2003.

JÚNIOR, E. A. Q.; ICHIKAWA, E. Y. O “novo” dispositivo da sustentabilidade. In: III COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMIOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO. Florianópolis- SC- Brasil. Março/2013.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MENEGUZZO, I. S.; CHAICOUSKI, A.; MENEGUZZO, P. M. Desenvolvimento sustentável: desafios à sua implementação e a possibilidade de minimização dos problemas socioambientais. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Porto Alegre, v. 22, p. 509-520, jan./jul. 2009.

MOTA, S. **Introdução à Engenharia Ambiental**. Rio de Janeiro: Editora ABES, 2000.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROMEIRO, A. R. Economia ou economia política da sustentabilidade. In: MAY, P. H.;

LUSTOSA, M. C.; VINHA, V. **Economia do meio ambiente**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Produzir para viver; os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SARTORI, S.; LATRÔNICO F.; CAMPOS, L. M. S. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma taxonomia no campo da literatura. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 1-22, jan./mar. 2014.

SINGER, P.; **Introdução à Economia Solidária**. 5.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.

